

política



Repórter Brasília Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br



SARA MARQUES/AGÊNCIA CLDF/JC

Diálogo acima das ideologias

Ao receber o título de Cidadão Honorário de Brasília, o cardeal Dom Paulo Cezar Costa (foto), arcebispo da capital da República, deixou uma reflexão que ultrapassa os limites da fé e alcança a política, a sociedade e as instituições. Inspirado nos ensinamentos do Papa Francisco, lembrou que o diálogo só existe quando as pessoas aceitam ouvir umas às outras. Para o arcebispo, a ideologia é o maior inimigo desse processo, pois oferece uma visão parcial da realidade e alimenta radicalismos. Francisco costumava dizer que ninguém deve ser descartado, e que até quem erra tem algo a oferecer. Em tempos de polarização e intolerância, Brasília ouviu uma mensagem que merece ecoar muito além da Catedral.

O exemplo que vem de Brasília

Dom Paulo destacou que muitos avanços obtidos pela Igreja Católica no DF nasceram do diálogo com o governo do Distrito Federal e com diferentes setores da sociedade. A recuperação da Catedral, projetos sociais, iniciativas voltadas à população em situação de rua e ações de acolhimento aos mais vulneráveis são exemplos concretos dessa convivência respeitosa entre Estado e instituições religiosas.

Ensinamentos do Papa Francisco

A lição é inspirada no pensamento do Papa Francisco: “construir pontes é mais produtivo do que erguer muros. Quando interesses coletivos prevalecem sobre disputas ideológicas, surgem resultados capazes de beneficiar milhares de pessoas. Brasília oferece um exemplo que poderia inspirar outras regiões do País”.

Congresso precisa ouvir Dom Paulo

A fala de Dom Paulo também serve como alerta para a política nacional. Enquanto o arcebispo prega diálogo, escuta e construção coletiva, parte do debate público brasileiro segue dominada por agressões, fake news e confrontos permanentes.

Mais diálogo e menos torcidas da polarização

O plenário do Congresso, muitas vezes, parece mais uma arena do que uma casa de representação democrática. O Papa Francisco ensinou que o diálogo parte do reconhecimento da dignidade do outro. Sem isso, resta apenas o conflito. Como já observamos na coluna **Repórter Brasília**, algumas sessões transmitidas ao vivo parecem espetáculos sem regras. Talvez esteja na hora de muitos políticos ouvirem mais Dom Paulo e menos as torcidas organizadas da polarização.

Atenção básica como prioridade

O deputado federal gaúcho Osmar Terra (PL) defende a PEC 9/2025, que cria uma carreira nacional para profissionais da atenção básica. Médico e ex-secretário de Saúde do RS, ele afirma “que os postos de saúde precisam resolver até 85% dos atendimentos para evitar a superlotação de emergências, UPAs e hospitais”.

Subdesenvolvimento tem

Entrevista Especial

Bolívar Cavalari

bolivarc@jcrs.com.br

Enquanto a economia brasileira passa por incertezas internas e externas, o economista Ricardo Hingel traz uma reflexão para explicar o subdesenvolvimento do País que remonta os anos 1990. Na avaliação dele, a gênese dos problemas econômicos brasileiros está na carga tributária, que desde o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) gira em torno do 32% e 34% do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil.

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, Hingel explica o porquê de considerar o Brasil e países europeus com cargas tributárias superiores às nossas como “economias socialistas”. O analista conceitua desta forma quando mais de um terço do PIB de um país é revertido em tributos.

Outro assunto abordado é o de agregar valor a produtos brasileiros. Referindo o Rio Grande do Sul e a produção de soja gaúcha como exemplo, Hingel contesta a priorização de exportação de matéria bruta, em vez de o País investir em agroindústria para produzir produtos derivados da soja com valor agregado. O economista também traz considerações sobre o livro que lançou em 2026, intitulado “Brasil: Um país que insiste em não dar certo”.

Jornal do Comércio - Como surgiu a ideia do seu livro ‘Brasil: um País que insiste em não dar certo’?

Ricardo Hingel - Há dois anos eu pensei em uma coletânea (de colunas publicadas anteriormente), só que a partir da coletânea - e eu tinha muita assertividade -, eu disse assim: ‘não, peraí, eu tenho uma linha econômica aqui’. Tem muito mais do que artigos. Aí que eu começo a fazer essa linha, e qual é minha linha econômica, e depois eu caso com a política? Eu tenho um artigo do livro, e pode até começar (a ler) por ele, que é ‘a formação da esquerda no Brasil’. Tem tudo a ver com o que aconteceu com a economia brasileira nos últimos 30 ou quase 40 anos, mas dou um corte no (ex-presidente) Fernando Henrique. Por que eu falo no subdesenvolvimento crônico do País? A partir de Fernando Henrique, o Brasil resolveu ser uma economia socialista. Não foi a esquerda, não

foi o PT que trouxe a carga tributária a 32%. Foi o Fernando Henrique. Muita gente diz assim: ‘não, porque a Constituição botou uma série de direitos’. Sim, mas a Constituição é de 1988. O boom: Fernando Henrique pega a carga tributária entre 28% e 29%, e entrega a 32%. E a partir do Fernando Henrique, a carga tributária brasileira se mantém entre 32%, 33%, 34%.

JC - Que é o patamar até hoje...

Hingel - Que é até hoje. Qual é a repercussão disso? O que aconteceu? E aí eu faço uma crítica também ali no Fernando Henrique na questão do Plano Real. O Plano Real tinha um tripé. Um dos tripés era o fiscal, então tu tinhas que ter equilíbrio fiscal. O equilíbrio fiscal é um termômetro super importante, obrigatório, mas ele não diz tudo, porque ele não diz qual é o teu nível de despesa. O que o Fernando Henrique fez? Ele aumentou a despesa e teve capacidade e espaço para aumentar a arrecadação. E aí, quando ele aumenta a despesa e aumenta a arrecadação, ele aumenta essa carga tributária. Aí ele começa a subtrair recursos da sociedade. Então, como é que uma economia se desenvolve? Ela se desenvolve a partir do fluxo econômico que existe. Quanto mais dinheiro estiver circulando, mais a economia vai se desenvolver. Aí uma empresa ou um cidadão trabalha, tem a sua renda, e a empresa ou o cidadão tem três coisas a fazer pra estimular a economia: ele vai consumir primeiro, vai investir também, e, se sobrar, ele poupa. Todos os três estimulam a economia. Se consome, tu estás estimulando um vendedor, uma indústria. Se investe, está aumentando a capacidade de oferta da economia. E se tu poupa, gera dinheiro para financiar o consumo e o investimento. Então, quando tu tiras um terço da sociedade produtiva, a economia

do País tem que trabalhar com esses dois terços que sobram. O outro terço aí é um desastre o que o Brasil faz com arrecadação. Aí ao longo do livro eu trabalho com o conceito da dominância política, que, quando tu aumentas um orçamento, tu aumentas também o quê? A disputa por poder. E quem domina o orçamento não é o burocrata. Quem domina o orçamento são as corporações públicas e privadas que vivem disso.

JC - E quais os principais problemas que observa deste aumento da carga tributária?

Hingel - Uma das maiores gravidades deste aumento da carga tributária é que se tu dissesse assim: foi para 32%, mas dos 32%, 6% a gente investe. Bom, aí soma a taxa de investimento baixa do Brasil, que historicamente é na faixa de 17%, e eu boto mais 5%, 6%, eu fico com 22%, 23%, e estou perto do padrão mundial, e não estou nem falando da China ou da Índia. Então, essa subtração de recursos do setor produtivo é que faz com que o sistema econômico trabalhe só com 2 terços. Não tem mágica nisso. Quando tu tens uma taxa de investimento baixa, o teu crescimento é baixo.

JC - E como a política se relaciona com isso?

Hingel - Eu não consigo explicar a economia do Brasil sem explicar a política, porque ela é a que puxa. Por isso que eu começo com a história do Fernando Henrique. No governo do Fernando Henrique foi implantada essa economia socialista do Estado grande. E dali nunca mais o Brasil saiu, e dali nunca mais o Brasil cresceu de forma adequada, como poderia. O Brasil tem muito potencial. Quando o Fernando Henrique sai, o lulopetismo já encontra o Estado grande, e ele acredita em Estado grande muito mais. Só que ele, de forma mais evidente, transforma o



“Eu não consigo explicar a economia do Brasil sem explicar a política”